

A FORMAÇÃO DO "EU" NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

BARROS, MARIA LUZIA RODRIGUES¹

NEVES, GRAZIELI CARDOSO¹

REIS, MARIA APARECIDA GARCIA DA COSTA¹

SANTOS, ROSILDA PEREIRA¹

FITARONI, JULIANA²

RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão acerca do desenvolvimento do eu/*self* a partir da abordagem centrada na pessoa, ele destaca os estudos a partir de doze artigos selecionados com o tema numa clara preocupação com a pessoa, a construção do self e o desenvolvimento do eu. O objetivo do artigo é a abordagem do processo na mudança da imagem de si (*self*), por meio da psicoterapia de acordo com as contribuições conceituais de Carl Rogers e seus seguidores, na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). Compreendendo que a apropriação da imagem de si pode se dar pelo entendimento da experiência vivida. Este se justifica na busca de elucidar qual é a importância da formação do eu na ACP, a partir de uma imagem criada na própria percepção. Para o trabalho empregou-se pesquisa bibliográfica que se fundamentou na abordagem humanista, especificamente a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). Como resultado espera-se contribuir com as pessoas a fim de compreender que por meio das psicoterapias é possível trabalhar com a incongruência, e que as pessoas, depois desse trabalho, podem se tornar mais conscientes de suas ações, pensamentos e atitudes.

Palavras-chave: Self; Abordagem Centrada na Pessoa; Psicoterapia.

¹Graduandas do curso de Psicologia no Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG.

² Professora Mestra e orientadora do curso de Psicologia do UNIVAG.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma reflexão acerca do desenvolvimento do eu/*self* a partir da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). A abordagem humanista tem como base uma psicoterapia não diretiva, sendo o cliente o protagonista em seu processo de construção e desenvolvimento durante a psicoterapia e por essa razão, a importância da compreensão desse aspecto durante a formação do psicólogo que pretende atuar com a ACP.

O objetivo do artigo é salientar a contribuição que o processo psicoterapêutico, de acordo com os conceitos de Carl Rogers na ACP, pode suscitar para o desenvolvimento do *self*, colaborando para que o indivíduo fique cada vez mais perto do seu eu ideal, que são as expectativas e projeções do que eu desejo e espero apresentar/ser, e que nem sempre está congruente com o meu eu real, pois apresenta uma visão distorcida do que manifesta para a sociedade, Rogers diz, que atuamos no mundo conforme nos percebemos.

O artigo teve origem no interesse de conhecer as características que levam a pessoa à construção e distorção da percepção do eu no processo do desenvolvimento, dentro da ACP com uma filosofia das relações interpessoais que aprecia e admite as potencialidades dos seres humanos em sua natureza, sua disposição natural à autorrealização pessoal e social. Todo desempenho a fim de desenvolver o trabalho nasceu, ainda, por acreditar que se esse enfoque filosófico consagra a singularidade do ser humano, igualmente aponta o provável caminho, e é essencial para se retomar as dimensões subjetivas da vida humana.

Utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica realizada no site de publicação acadêmica Google Acadêmico, para encontrarmos o maior número de material teórico já publicado sobre o tema proposto no artigo e com base na ACP.

Rogers (1997), discorre que na perspectiva humanista há uma nova visão do ser humano por considerar suas potencialidades e características conscientes e subjetivas. Em que a pessoa pode fazer emprego de seus próprios recursos e potencial como possibilidade de desenvolver a consciência para um maior reconhecimento de si enquanto pessoa, e assim fortalecer sua identidade.

O autor pontua que a tendência atualizante é de fundamental importância para a ACP, pois a psicoterapia possibilita que a pessoa se torne congruente, livre e profundamente ela mesma, podendo vivenciar abertamente os sentimentos e atitudes que estão fluindo de dentro dela, ou seja, a pessoa sendo real e pura. Levando em conta que o psicoterapeuta precisa ter a

consideração positiva incondicional em relação ao cliente/outro, acolhendo os aspectos das experiências trazidas por esta pessoa e a compreensão empática colocando-se no lugar dela (ROGERS 1997).

Em psicoterapia explora-se a noção do eu real, que é como a pessoa se apresenta ao mundo, e a do eu ideal, que é o que ela deseja e espelha, mas ainda não dá conta de apresentar e ser, nesse ambiente ocorrem as experiências para a autorrealização que origina como ponto principal o eu. Em busca da autorrealização, a imagem que a pessoa traz do seu eu ideal por vezes pode ser diverso do eu real. Pessoas organizadas apresentam seu eu ideal, muito próximo do real, existindo um estado de congruência, mas, quando ao se opor entre eu ideal e eu real, existe um estado de incongruência. Levando em conta que ao se opor entre eu ideal e eu real pode gerar os mais distintos comportamentos que tendem a prejudicar a própria pessoa, pois não consegue enxergar a realidade como ela é, apresentando distorções cognitivas como, se colocando como vítima das circunstâncias, culpabilizar o outro, não se responsabilizando pela própria vida (ROGERS, 1997).

Nessa perspectiva, Rogers (1997), traz a congruência, que é quando a pessoa está consciente da sua experiência conseguindo comunicar e apresentar essa compreensão, já a pessoa incongruente, é aquela que não se percebe diante do que está acontecendo e acaba trazendo distorções daquilo que ela percebe como real, estando mais vinculado ao eu ideal do que ao real e não tem consciência disso. Sendo este o foco que as psicoterapias trabalham, acerca do sintoma de incongruência, auxiliando as pessoas a se tornarem mais conscienciosas de suas ações, pensamentos e atitudes, na medida em que estes prejudicam aos outros e a si mesmos. Rogers expõe acerca da maneira particular de distúrbio como menos crítica do que o reconhecimento de que existe uma incongruência que pede uma saída.

Na infância o contato com outros indivíduos propicia o desenvolvimento da autoimagem, considerando a figura-critério³, toda criança tem uma necessidade de cuidados e zelo, pois ela não é autônoma e busca pela consideração positiva incondicional, que com o decorrer do tempo se transforma em precisão de ser aceito, fazendo de tudo para conquistar essa consideração do outro, saindo do seu eu real e tentar ser o que o outro deseja que ela seja, se afastando da consciência de si., distorcendo sua maneira de se ver.(GUIMARÃES, 2010).

É preciso reconhecer a não existência de uma única verdade, desse modo, o indivíduo tem potencialidade para mudar, mantendo suas particularidades que lhe proporcionam

³ Figura-critério é a pessoa que tem relação de frequência com a criança, significativa e que à ajuda na forma de construção do eu, sendo que a partir do valor desprendido pela pessoa critério à criança, é que ela internaliza esse valor, dela, e constrói sua noção de *self*, pois é o que ela percebe como sua realidade.

significação para sua vida, nessa procura de significado de si mesmo, no espaço em que está inserido, submerge várias influências na constituição do *self*, podendo ser estas; tecnológicas, sociais e filosóficas, contribuindo para o movimento de desenvolvimento do indivíduo (MAIA, 2009).

2 A PSICOLOGIA HUMANISTA E A VISÃO DE HOMEM DA ACP

A Abordagem Centrada na Pessoa foi desenvolvida por Carl Ransom Rogers (1902-1987), psicólogo americano. A ACP surge em contraposição às teorias dominantes da época, Psicanálise e Behaviorismo Radical, conforme Cazon (2005), essas teorias levavam ao reducionismo do ser humano ao inconsciente ou ao comportamento influenciado pelo ambiente, assim, dando início a terceira força da psicologia, a Psicologia Humanista, sendo o objeto de estudo a magnitude da experiência humana.

Abraham Maslow, Rollo May, Gordon Allport e Eric Fromm são alguns dos representantes que contribuíram com várias linhas de pensamentos e culminou no desenvolvimento da abordagem não diretiva do “paciente” de Rogers, que durante as sessões terapêuticas atribuía o poder que o terapeuta possuía, até então, para que o “paciente” pudesse dar a direção para os problemas cruciais que eles quisessem abordar, com esse pensamento, Rogers deixou de tratá-los como pacientes, para então adotar a nomenclatura de “clientes”, sendo o cliente, o principal responsável por seu processo terapêutico em uma Abordagem Centrada no Cliente, que em 1970 passou a ser denominada de Abordagem Centrada na Pessoa (CAZON, 2005; BELÉM, 2000).

Os principais conceitos da Abordagem Centrada na Pessoa são: tendência atualizante, congruência, consideração positiva incondicional e compreensão empática. A tendência atualizante é o conceito central desta abordagem, Rogers considera que todo ser humano possui uma força interna para o desenvolvimento de suas potencialidades que é intrínseca ao ser. A congruência é a capacidade de ser realmente o que se é, estando muito próximo do eu ideal em conformidade com a experiência real, com consciência de suas atitudes, escolhas e comportamento. A consideração positiva incondicional, é quando em uma relação existe a aceitação incondicional por qualquer sentimento expressado pelo outro, um envolvimento que é nutrido pela consideração e pelo respeito à singularidade do sujeito. Em relação a compreensão empática, esta consiste na capacidade de ouvir, compreender e devolver para o outro o que se compreendeu, de forma sensível, na tentativa de experienciar profundamente o que o outro traz como sua existência (BELÉM, 2000).

Com base nos conceitos acima citados, Rogers (1997), acredita que o ser humano, é por si só, capaz de se renovar e se transformar do início ao fim de sua vida, em um constante processo de “tornar-se”, como sendo possuidor de um potencial interno, tendência atualizante, capaz de gerar o seu desenvolvimento, que em conjunto com o terapeuta em um modelo psicoterápico, de acordo com a demanda que o cliente estabelecer e em um ambiente que proporcione atitudes psicológicas facilitadoras, de acolhimento e consideração positiva, ambos são transformados (terapeuta-cliente).

“Se me permito realmente compreender uma outra pessoa, é possível que essa compreensão acarrete uma alteração em mim”. Nessa visão filosófica e epistemológica, assim como os outros humanistas, Rogers sofreu a influência do pensamento existencialista e fenomenológico, concebendo o ser humano na sua subjetividade (ROGERS, 1977, p. 22-23).

Rogers foi o pioneiro na pesquisa científica em psicoterapia, utilizando-se de gravações e filmagens das sessões terapêuticas para tal, apesar de a ACP não ser uma técnica, e sim uma ética norteadora para o terapeuta — que deve ter como um de seus valores básicos, a sensibilidade para lidar no processo terapêutico que se estabelece entre terapeuta e clientes — ambos (cliente e terapeuta) caminham juntos no progresso de valorização e sentido que o ser humano vive em seu processo de construção, dando novos significados a vida (AMATUZI, 2012).

Quando Rogers escreveu seu livro *Tornar-se Pessoa* em 1961, este se direcionava para os terapeutas, mas devido à grande repercussão por pessoas de diversas áreas, reconheceu-se que o processo de “tornar-se” pode ser estabelecido em qualquer relação, seja ela familiar, profissional, de amizade, entre outros modelos, e que nesse processo, quando ambos estão engajados nesse relacionamento, não é preciso controlar as experiências, pois um e outro organizam-se de forma fluente, construindo a partir de suas crenças, valores e em sua interação com a sociedade, redimensionando assim, as vivências existenciais adquiridas ao longo da vida, em um constante processo de desenvolvimento (ROGERS, 1980).

Entretanto, a Psicologia enquanto ciência contribuiu em como a pessoa se coloca no processo de transformação, de que não estamos prontos e acabados, sempre passamos por fases de nossas vidas que modificam o que pensávamos ter acabado, pela tendência atualizante inerente em nós, estamos sempre em busca de crescimento, novas habilidades e assim, vamos adquirindo nossa essência através da experiência no mundo real, do que percebemos e sentimos. Desse modo, passamos a nos perceber como pessoa ou como *self* de quem sou e como me estabeleço nesse mundo (WOOD, 1994).

O conceito de *self* é a percepção de si e da realidade de cada pessoa, e é desenvolvido desde a infância, através do que Rogers chamou de “avaliação organísmica”, que se resume como um processo avaliativo do mundo, da forma como se percebe sensorialmente, podendo ser de forma positiva ou não, pois cada experiência provoca sensações psicológicas e motoras, com base nessas percepções vamos constituindo a forma de se experienciar os eventos e formando a noção de *self*. (MAIA *et al*, 2009)

3 METODOLOGIA

No procedimento teórico-metodológico com referência de Lacerda (2016), foi fundamentado a partir da pesquisa bibliográfica quantitativa-qualitativa realizada no site de publicação acadêmica Google Acadêmico. Esta opção se justifica, porque o método escolhido permitiu mapeamento da estrutura do conhecimento no campo científico específico e, dessa forma pudemos identificar o que foi produzido de conhecimento pela comunidade científica sobre a formação do eu e, ao mesmo tempo, avaliar as principais tendências da pesquisa sobre ele.

Após definição do conceito principal, o desenvolvimento do eu na ACP, foi possível estabelecer as palavras-chave para início da pesquisa no site anteriormente citado, sendo elas: autoimagem; *self*; psicoterapia; Abordagem Centrada na Pessoa (ACP); e Psicologia. A partir dessas palavras foram encontrados três artigos que foram produzidos entre os anos de 2002 a 2015, sendo estes analisados e utilizados para as fases iniciais da produção desse trabalho.

Foi necessário realizarmos uma nova busca em agosto de 2018, selecionando a temática da construção do eu na Abordagem Centrada na Pessoa de Carl Rogers, que nos possibilitou encontrar mais 9 produções científicas, dessa forma, encerrando a pesquisa com 12 artigos a serem utilizados neste trabalho. Lacerda (2016), tem como base a avaliação quantitativa de determinados parâmetros de um conjunto definido de artigos, denominado portfólio bibliográfico, que possibilita ao pesquisador verificar se o material encontrado deve ser utilizado em sua produção.

A etapa de escolha do material bibliográfico ocorreu durante os meses de julho a novembro de 2017 e em agosto de 2018, com a finalidade de encontrarmos material para embasamento teórico, posterior análise dos resultados e discussão sobre o tema, para a confecção do referido trabalho de conclusão de curso da formação do curso superior de Psicologia.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa baseou-se na Psicologia Humanista, especificamente a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), foram analisados doze artigos (Tabela 1 abaixo).

AUTORES	ANO	REVISTA/local de publicação	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE
AMATUZZI <i>et al</i> , Mauro Martins	2002	Estud. psicol. (Campinas)	A atitude de boa vontade e a abordagem centrada na pessoa	Boa vontade; abordagem centrada na pessoa; pesquisa fenomenológica
GONÇALVES, Maria Augusta Salin	2004	Artigos Psicol. Educação nº 19 São Paulo dez. 2004	Identidade do eu Consciência moral e estágios do desenvolvimento: Perspectivas para educação	Identidade do eu; Desenvolvimento Moral; Autonomia.
MELLO, Leonardo Cavalcante de Araújo; DUTRA, Elza	2008	Rev. abordagem gestalt.	Abuso sexual contra crianças: em busca de uma compreensão centrada na pessoa	Violência sexual; Abuso sexual na infância; Autoconceito (<i>self</i>); Abordagem centrada na pessoa
MAIA, Camila Moreira; GERMANO, Idilva Maria Pires; MOURA Jr, James Ferreira	2009	Nufen	Um diálogo sobre o conceito de self entre a abordagem centrada na pessoa e psicologia narrativa	Conceito de self; Abordagem centrada na pessoa; Psicologia Narrativa.
MACEDO, Lídia Sugano Rocha de; SILVEIRA, Amanda Costa da	2012	Revisão sistemática de literatura	self: um conceito em desenvolvimento	Psicologia do self; epistemologia; psicologia do desenvolvimento
BEZERRA, Marcia Elena Soares; BEZERRA, Edson do Nascimento	2012	Revista do Nufen	Aspecto Humanistas, Existenciais e Fenomenológico, presente na abordagem centrada na pessoa	Humanismo; Existencialismo; Fenomenologia- abordagem centrada na pessoa.
ARAÚJO, Iago Cavalcante	2014	Rev. abordagem gestalt	Os valores e a sua importância para a teoria da clínica da abordagem centrada na pessoa	Valores pessoais; psicologia clínica; abordagem centrada na pessoa; ética
ALMEIDA, Mychael Douglas Souza de; REBOUÇAS, C	2015	Revista UFAC	Psicoterapia da Compreensão cons (/insistente): O olhar e a atitude além da interpretação	<i>self</i> dialógico; psicoterapia narrativa.

leide Maria de Paula				
GUIMARÃES, Sandra Cecília de Sousa Rocha	2005	APACP- Associação Paulista da ACP	Adolescente e a família: um par que dá certo	Adolescente, comunicação, família, self.
GUIMARÃES, Suzana Ferreira	2010	O Portal dos Psicólogos	A modificação da Autoimagem: Da pessoa- critério a psicoterapia	Autoimagem; Pessoa critério; Psicoterapia Centrada na Pessoa.
MORENO, Mônica Roncancio; BRANCO, Ângela Maria	2014	Psicologia em estudo de Maringá	Desenvolvimento das significações de Si, em criança na perspectivas dialógico cultural	Psicologia Cultural; dialogismo; desenvolvimento do eu.
SANTOS, Macson Silva dos	2015	O Portal dos psicólogos	Angustia, Adolescência e reestruturação de <i>self</i> na ótica Humanista-Existencial.	Adolescência; Autoimagem; Reestruturação; <i>self</i> .

Tabela 1. Resultados da revisão bibliográfica de publicações de 2002 a 2018, com descritores que tratam do desenvolvimento do “eu”.

Dentre os doze trabalhos encontrados e analisados, todos ponderam diretamente ou indiretamente sobre a crença da tendência atualizante e da consideração positiva acerca da pessoa, o que leva a concluir que esta é a pedra angular da abordagem centrada na pessoa, uma vez que possibilita o crescimento e desenvolvimento do “eu”.

Dois artigos discorrem sobre o conceito de *self*, e apontam diversificados conceitos que existem nas teorias e práticas psicológicas. (MARCELO e SILVEIRA, 2012; MAIA *et al*, 2009). Um artigo contribuiu para reflexão sobre as possíveis correlações entre a perspectiva filosófica existencial fenomenológica e a ACP (BEZERRA e BEZERRA, 2012). Um trabalho nos mostra a capacidade interna de desenvolvimento da pessoa em um ambiente favorável. (GONÇALVES, 2004). Três artigos estão destacando a construção do *self* na infância, pontuando a importância que se tem a figura-critério, relatando sobre o desenvolvimento do *self* na perspectiva dialógico cultural de maneira positiva, e também nos mostra o *self* negativo, que é quando a autoimagem se torna distorcida por conta de traumas sofridos, principalmente causados por abusos sexuais na infância (GUIMARÃES, 2010; MORENO e BRANCO, 2014; MELLO e DUTRA, 2008).

Três estudos estão discorrendo sobre a fase da adolescência, relatando sobre a importância da família na construção do *self* e dos referenciais de escolha dos jovens, afirmando que na adolescência os cuidados precisam ser redobrados, pois é uma fase que eles passam por crise existencial e que essa angústia existencial pode levar um grande número de adolescentes

ao caminho das drogas, e todos acreditam na contribuição da ACP no processo de tratamento. (GUIMARÃES, 2005; SANTOS, 2015; HASS *et al*, 2011).

Dois artigos salientam a importância do bom emprego das atitudes facilitadoras, assim como a importância de um ambiente favorável ao cliente, portanto, é a partir de uma boa formação dos profissionais psicólogos que estas serão adequadas ao processo psicoterápico, estes mesmos autores ponderam a ética como ponto crucial (AMATUZZI, 2002; ARAÚJO, 2014).

Macedo e Silveira (2012), em estudo bibliográfico apresentam a trajetória histórica das diversificadas definições de *self*, que invariavelmente está relacionado com o autoconhecimento, aspectos epistemológicos e ontológicos que precisam ser considerados para a formação do eu. Afirmam que o tema é complexo e recente, embora a humanidade sempre estivesse em busca de algo em seu interior, expõem ainda os paralelos e correlatos entre o ambiente interno e externo em que se estabelecem o *self* de uma pessoa. O artigo contribuiu para se pensar na variabilidade de como pode o *self* se apresentar e assim pensar como a ACP precisa de fato estar pautada em uma clínica centrada no cliente.

Existem variadas definições para o *self* nas teorias práticas e psicológicas, mas não existe uma única verdade, para alguns estudiosos o *self* se constrói de acordo com o ambiente no qual se encontra o indivíduo, e que cada ser no mundo é único e carrega em si características universais e culturas por muitos anos, sendo elas distintas umas das outras (MACEDO e SILVEIRA, 2012).

Para Dutra e Mello (2008), o *self* é como algo totalmente mutável que se estabelece como um todo, um conjunto de percepção de atributos, valores sobre si, de organização e mudança, que o indivíduo vai se percebendo e assim construindo sua identidade. Em conformidade com Macedo e Silveira (2012), salientam que o *self* baseia-se, sempre, sobre tudo aquilo que foi vivenciado e no que se espera alcançar futuramente, ou seja, uma resignificação de si mesmo, preservando o que fez sentido e buscando definição de si no mundo atual, mesmo que esteja envolto de muitas influências nessa construção do seu eu.

Nesse entender, Maia *et al* (2009), em pesquisa bibliográfica, relatam que o termo *self* serve para designar a configuração experiencial composta de percepção relativa ao eu, as relações do eu com o outro, com o meio e com a vida, assim como os valores que o indivíduo atribui a essas percepções. Essas configurações se encontram num estado contínuo de mudanças, embora não organizadas e nem sempre coerentes, ainda que não sejam necessariamente ou plenamente conscientes;

Observa-se a construção de um self rogeriano pautado por um conjunto de atributos que baseiam a construção de um autoconceito compartilhado pela própria pessoa e por uma comunidade e uma cultura. As explicações narrativas, então, restringem-se às considerações do self narrativo que evidenciam de forma significativa e coerente o entrelaçamento de experiências do passado, presente e futuro em um enredo, com a existência de personagens, de metas, de cenários e de obstáculos que constituem a forma como a pessoa é constituída. Verifica-se, assim, a construção de um embasamento teórico narrativo que possibilita a compreensão ampliada do ser humano em uma história de vida em que todos os elementos presentes são constituintes de sua existência (MAIA *et al*, 2009, p. 52).

Os autores dialogam entre a ACP e a psicologia narrativa, fundamentando-se em aspectos epistemológicos e conceituais do *self*. Afirmam que há possibilidade de integrá-las e salientam que “as contribuições rogerianas, com sua focalização nos imperativos orgânicos e a Psicologia Narrativa, sublinhando a construção social e culturalmente situada do ‘eu’” (MAIA *et al*, 2009), os preceitos de ACP do *self* estão fundamentados na importância do organismo e da tendência atualizante para a constituição desse *self*. Para a Psicologia Narrativa, o *self* se constitui em um atravessado de acontecimentos, propondo uma visão de ser humano ampliada com relação ao proposto por Rogers.

Bezerra e Bezerra (2012), fazem um estudo correlacionando à perspectiva existencial fenomenológica e a abordagem centrada na pessoa com um abarcamento histórico e bibliográfico e conclui que a ACP possui uma estrutura teórica singular, sistematizada e consistente, mantendo-se aberta a atualizações a partir de estudos acadêmicos respaldados por atendimentos psicoterápicos em que a relação de ajuda são diversificadas.

A ACP é caracterizada pela sistemática e sua consistência, ou seja, suas características são pautadas na natureza humanista, existencial e fenomenológica e foi possível correlacionar e dialogar entre elas, ligações essas “com todo modo de pensamento estabelecido sobre parâmetros não-positivistas, contrários a qualquer forma de objetivismo causal, utilitarista, universal e reducionista da complexa e dinâmica condição humana de existência” (BEZERRA E BEZERRA, 2012, p.34).

De acordo com Guimarães (2010), a autoimagem se constrói, a partir das experiências adquiridas ao longo da sua vida, desde quando nasce, sempre tendo o outro (pessoa-critério), como referência. A importância da pessoa critério nessa construção é necessária para que o sujeito venha desenvolver a sua autoimagem, pois é nela que ele se espelha para seu crescimento pessoal. Em razão disso toda pessoa quando criança necessita de cuidados e atenção.

Na interação social, as crianças são capazes de reconhecer a perspectiva um do outro, havendo, nesse nível, reciprocidade de sentimentos e pensamentos. A reciprocidade abre a possibilidade para o reconhecimento do outro, devendo a criança ser orientada no sentido de respeitar ideias e sentimentos, exigindo o mesmo para si próprio (GONÇALVES, 2004, p.83).

Nesse entender, Moreno e Branco (2014), acreditam que é na perspectiva dialógico-cultural que se constrói na criança as significações de si, e por esta razão o contexto sociocultural e as relações afetivas influenciam no desenvolvimento do *self* de uma pessoa.

Ela está inserida em contextos culturais que orientam seu curso de vida e atuam como importante agente de seu desenvolvimento”. Fazendo se necessário que os adultos que a cercam façam uma comunicação direcionada para e à ela de modo significativo, o que terá um impacto importantíssimo em seu desenvolvimento psíquico (MORENO e BRANCO, 2014, p.609).

Gonçalves (2004), fala sobre a identidade do eu, em seu estudo de origem bibliográfica, que teve como objetivo contribuir com os profissionais da área da educação e alertar para a importância da relação interativa construtiva, de uma formação de natureza interna pessoal, em que os limites surgem da relação com o outro e com a cultura, sendo a autonomia fator preponderante. Em que a formação e o desenvolvimento moral são assegurados nestes limites, e assim é possível um aprendizado através do amadurecimento, pela motivação e afeto. Essas são características da abordagem centrada na pessoa, que acredita nas potencialidades da pessoa, referenciada como tendência atualizante.

Os indivíduos possuem dentro de si vastos recursos para a auto-compreensão e para modificação de seus autoconceitos, de suas atitudes e de seu comportamento autônomo. Esses recursos podem ser ativados se houver um clima, passível de definição, de atitudes psicológicas facilitadoras (ROGERS, 1987, p. 45).

No que se refere a infância Mello e Dutra (2008), trazem que as pessoas já chegam ao mundo com predisposição para aprender sobre si mesmo, e que a criança é um ser em constante movimento de transformação, em cada aprendizado vai se formando valores próprios de grande importância. Os autores discorrem que a construção do autoconceito na infância se constitui nas relações estabelecidas no decorrer da vida, que podem ser favoráveis ou desfavoráveis para o desenvolvimento, e quando se fala sobre um conceito de *self* no ponto de vista negativo, a recíproca é verdadeira, costuma causar grandes traumas psicológicos levando o sujeito a uma distorção do seu eu.

Nesse processo, os autores focam em como acontece o desenvolvimento do *self* em crianças vítimas de violência sexual, tendo como base o conceito de Carl Rogers, para um olhar humanista, que possibilite reflexões que venham a contribuir para a iniciativa de enfrentamento. A abordagem permite a formação positiva acreditando que o ser humano tem potencialidades e possibilidades importantes para o enfrentamento, e isso têm alavancado resultados positivos perante o tratamento em casos de abuso sexual, tendo em vista que a criança seja considerada no movimento educacional e assim pensada como um sujeito subjetivo, em constante construção psíquica (MELLO e DUTRA, 2008).

Diante disso, é importante atentar-nos que em grande maioria, os casos de abusos ocorrem com membros da família ou pessoas próximas, fazendo com que a construção do autoconceito da criança seja bastante conflituosa, pois ela passa pela experiência de afetos negativos de abandono e negligência, sendo que a criança espera na figura do adulto, alguém que vai lhe proteger e amparar, e quando isso não ocorre acontece uma confusão psíquica dificulta todo o desenvolvimento, com a distorção da própria imagem, e por mais que as legislações garantam os direitos fundamentais para sobrevivência da criança, estes ainda não são suficientes para evitar os abusos (MELLO e DUTRA, 2008).

O processo de desenvolvimento da pessoa é construído na interação com o ambiente, fazendo com que se torne muito importante se ter na família um bom relacionamento com as crianças para que estas venham a sentir-se amadas (MELLO e DUTRA, 2008).

É nessa direção que ocorre o que se chama de ajustamento ou desajustamento psicológico, segundo as ideias de Rogers. O ajustamento se dá quando as experiências vividas pela criança são ou podem ser simbolicamente assimiladas em relação coerente com o autoconceito. Enquanto o desajustamento se desenvolve quando as experiências são percebidas como incompatíveis e em desacordo com o autoconceito, sendo, assim, negadas ou distorcidas (MELLO e DUTRA, 2008, p.43).

Os autores citados acima, relatam que a terapia facilita uma maior possibilidade de amadurecimento saudável, que a pessoa já possui pela tendência atualizante, mas muitas vezes existem obstáculos que dificultam e impedem esse amadurecimento, como não estando em um ambiente favorável. Para eles, o ser humano tem a capacidade de se desenvolver e cita Rogers e Kinget (1977 *apud* MELLO e DUTRA, 2008) sobre a tendência auto atualizante como pilar da abordagem centrada na pessoa, aquilo que guia todas as ações do sujeito e a direção do caminho que é a autoimagem.

Guimarães (2005), elucida que quando a criança supera a necessidade de ser cuidado, vai se transformando na necessidade de ser aceito conforme amadurece, por essas questões, na maioria das vezes, os adolescentes exigem condições que não correspondem à imagem de si real, pois sua percepção do eu real é distorcida, não congruente com o ideal que almeja em um claro estado de incongruência entre sua autoimagem real e ideal. A autora pontua a importância na criação de um ambiente favorável à tendência autoatualizadora para os adolescentes e da relevância da comunicação autêntica no âmbito familiar, ponderou sobre aspectos como a consideração positiva incondicional salientando a construção e reconstrução do *self* e da identidade a partir da vivência da pessoa.

Pode-se dizer que há duas grandes classe de necessidades. A primeira é a necessidade de resposta afetiva dos outros. Isso inclui a necessidade de reconhecimento, o desejo de afeto dos pais e de outros, o desejo do indivíduo maduro de resposta sexual por parte de um parceiro. A segunda grande necessidade é a de conseguir, de obter satisfação pela realização e pelo aumento da auto-estima (ROGERS, 1978, p. 25).

Concluimos que a identidade e o *self* do adolescente se dão pela interação com os grupos a qual pertencem, em um sistema dinâmico em que os ambientes internos e externos se interpelam. Nesse cenário o adolescente vai obtendo seu próprio *self* ao passo que entra em um processo de desidealização, que é quando se amplia as relações para além do ambiente familiar, e para sentir-se confiante e seguro precisa de contribuições que deem suporte à sua autonomia e a sua intersubjetividade. Além desses aspectos, Guimarães comenta sobre conceitos fundamentais da ACP, que são a compreensão empática, congruência e a aceitação positiva incondicional (GUIMARÃES, 2005).

Nesta fase da vida, Santos (2015), relata que os adolescentes atravessam um sofrimento psíquico através das angústias, vinda do seu próprio ser, como parte inerente da natureza humana. Na abordagem humanista, Rogers (1975), elucida que a angústia que a fase da adolescência traz a esse jovem, com relação a instabilidade que é provocada pela forma como este percebe as mudanças que ocorrem em seu autoconceito e imagem de si, são influenciados diretamente pelos valores que os outros lhe apregoam e que são aprendidos nas relações que o adolescente possui, em resumo, um conjunto de percepções do sujeito (adolescente), que o definem.

A visão do mundo adquirida pelos jovens, é formada pela vivência social, Rogers (1977), afirma que a juventude está insegura com relação aos valores que os mais antigos pretendem passar para eles, pois, estão sendo bombardeados por diversos meios culturais, religiosos e de informação, tendo acesso fácil a diversidade de valores que os possibilitam ter uma visão divergente e questionador dos valores que tentam lhe orientar/impor, considerando que na fase da adolescência é natural o questionamento maior das regras e por quebrá-las.

Na situação, não surpreendente que a orientação de valor do passado parece um estado de desintegração ou um colapso, sentimos que em nosso mundo contemporâneo, podemos ter perdido toda a possibilidade de um fundamento geral intercultural de valores (ROGERS, 1977, p. 13).

Tendo em vista a importância da relação familiar, mencionada anteriormente, é fundamental que os pais sejam educadores centrais e que confirmem, nessa conjunção, que o *self* é construído e reconstruído de maneira total, levando ao *self* ideal típico ou atípico, implicando os fatores da autenticidade familiar. (SANTOS, 2015). Sendo a família um mediador ativo e fortalecedor da sua autoimagem na compreensão do intersubjetivo do adolescente, sobretudo os pais que são porta voz no processo do desenvolvimento num todo.

Assim sendo, ao analisar a relação familiar educacional, na qual o adolescente tem o desenvolvimento mútuo, nota-se que à família consiste a educação global para a construção e reconstrução do *self*, só é possível edificar a identidade do adolescente, a partir das relações e

vivências anteriores, sociocultural e social, pois o adolescente vive diariamente em conflito consigo mesmo. Constrói sua identidade dentro da interação social, ou seja, a família que reafirma o *self* do adolescente. O adolescente passa por identidades conflituosas, até chegar a uma que venha a se reconhecer e assumir, ele precisa conquistar um espaço seu e a partir de aí desenvolver-se como pessoa (GUIMARÃES, 2005).

Nesse tocante Haas *et al* (2011), entrevistaram adolescentes que estavam internados para reabilitação devido ao uso de drogas ilícitas, como: crack, maconha, loló e cocaína, e como foi notório para os autores o comprometimento no desenvolvimento cognitivo e de crescimento pessoal desses adictos, como efeito do uso dessas substâncias, também o quanto as drogas afetam a vida social e familiar, e por estarem em tratamento, estão afastados de seu meio social. Os adolescentes demonstravam uma grande necessidade de aprovação, uma baixa autoestima e por consequência uma elevada falta de confiança em si mesmo.

Dentro dessa compreensão, a importância da comunicação aumenta a expectativa da influência mútua familiar, na construção do eu real e do eu ideal com o Outro e suas relações, na relação familiar como: suporte de socialização, estrutura para pensar, e agir, ou seja, a comunicação é viabilizadora no processo relacional com o outro e consigo próprio. E quando o jovem envolvido com drogas, não encontra na família o suporte de socialização e comunicação, tem seu desenvolvimento prejudicado e também o fato de a família não se encontrar estruturada para o enfrentamento da dependência psicoativa (GUIMARÃES, 2005).

É de conhecimento da abordagem, de que o ser humano já nasce orientado para o crescimento, chamado de tendência atualizante, a pessoa está sempre em movimento e é capaz de fazer reflexões sobre suas escolhas e compreender a si mesmo, no entanto, é necessário para que isso ocorra, uma relação interpessoal que facilite para que o adolescente desenvolva suas potencialidades que já existem dentro de si (GUIMARÃES, 2005).

Como vimos acima, muitos autores concordam que o homem nasce com ampla capacidade de conhecimento na autocompreensão e transformação de seu autoconceito, caráter e suas condutas, porém, é necessário estar em um ambiente que possa ativar essa potencialidade natural. Em que o ambiente, não seja um contaminador da auto-imagem, mas se torna um facilitador da confiabilidade absoluta do indivíduo na sua inteligência, no seu desenvolvimento interno e externo, dessa forma, busca a potencialidade para o indivíduo mostrar suas emoções em uma relação incondicional em que o sujeito postula sua dependência. (ROGERS, 1997).

Araújo (2014), fala do posicionamento profissional do psicólogo para que se tenha um ambiente favorável a formação significativa de valores, com vista no processo valorativo orgânico. O autor aborda a importância da apropriação dos valores da abordagem centrada

na pessoa pelos profissionais e da postura ética, em que as atitudes facilitadoras contribuem para a experiência de aprendizagem pautadas no cliente, possibilitando inclusive a autonomia desse.

Parafraseando Rogers (1977), em seu livro *Terapia centrada no cliente*, muitas vezes o cliente vê na figura do terapeuta, alguém que vá lhe dar as repostas para os seus problemas, em caso de jovens, o terapeuta precisa se atentar para não ocupar a figura paterna perante seu cliente, de lhe orientar em sua vida, contribuindo para que ele se esquive de assumir o papel de protagonista para o seu desenvolvimento e para que o cliente possa entender o real envolvimento do terapeuta em sua construção, deve-se experienciar a relação e não somente com a explicação sobre qual é o papel do terapeuta.

Em concordância com exposto acima, Almeida e Rebouças (2015), apontam a compreensão organísmica e a crença da abordagem centrada na pessoa na tendência atualizante do ser humano, bem como falam das atitudes fundamentais do terapeuta diante do cliente, que são a congruência ou autenticidade, consideração positiva incondicional e a compreensão empática. E a partir desta postura apresentada pelo terapeuta criar um ambiente que possibilita o crescimento e a atualização deste sujeito de maneira consciente e responsável.

Não podemos mencionar a relação do terapeuta e cliente, sem abordarmos sobre a formação do terapeuta e sua importância, da questão ética ao trabalhar com a abordagem centrada na pessoa. Amatuzzi *et al* (2002), discorrem acerca da boa vontade e das características da ACP como uma abordagem importante para a sociedade, pois trabalha a relação de confiança de uma pessoa com a outra em movimentos diversificados da vida. Os autores “chamam a atenção para os aspectos éticos dessa relação, na medida em que constrói significados em torno da bondade da vontade”. E evidenciam o querer das pessoas tendenciosos para o que é considerado bom. Sendo essa vontade a “tendência formativa e atualizante de que falava Rogers, como uma tendência confiável”. Essa postura é uma diretriz básica da teoria, em “que se contemple as motivações do agir, as qualidades do querer, e que, em fim, se trabalhe a bondade da vontade” (AMATUZZI *et al*, 2002, p. 15).

Araújo e Freire (2014), enfatizam que a atenção junto à formação dos psicólogos da ACP é preponderante não apenas para a aprendizagem da teoria e suas técnicas, mas que os valores da abordagem sejam ensinados e apreendidos. Os autores apontam uma aprendizagem significativa e crítica em que precisa “estar disposto a trabalhar com a abordagem centrada na pessoa e lidar com seus valores e considerá-los como próprios, não por meio de uma introjeção, fruto de um ensino centrado na figura do “mestre”” (Ibid, p. 102).

Na abordagem humanista entende-se que o cliente passa por um processo de empatia e aceitação incondicional, autenticidade e processo de reestruturação com o sujeito e o mundo, caminhando por um processo de autoimagem de si. Ainda que busque um olhar ou identificação da busca da melhor perfeição com o ser e o mundo. O homem para se tornar interacional a partir da sua escolha, dessa idealização que o indivíduo pode construir outro mundo, diferente, como uma forma de sublimar a sua existência negativa para uma posição vitoriosa do eu. Colocando assim, facilidade em domínio do *self*, que o próprio construiu e desconstruiu, para potencializar o autoconceito (SANTOS, 2015).

Nesse processo de inter-relação é que se facilita e propicia o acontecimento da capacidade de transformação, quando em um ambiente facilitador de potencialidades, que vai emergindo de dentro de si, pois todos temos a tendência atualizadora, possibilitando um crescimento pessoal autêntico, o mais próximo do eu ideal e o eu real, aumentando a possibilidade de ser verdadeiramente sendo. Assim, a pessoa constrói sua identidade na socialização e primeiramente com a família. De acordo com Guimarães (2005), apesar de Carl Rogers ter escrito pouco sobre trabalho terapêutico com a família, ela é considerada uma grande aliada na relação com adolescente, e na construção do *self* permitindo o seu desenvolvimento.

A psicoterapia tem um ponto crucial na compreensão do sujeito, pois ela passa por um crescimento de autorrealização e assim desenvolve sua personalidade, sendo como ele é, de forma natural. Na teoria de Rogers a psicoterapia traz avanços na identificação dos agentes primários que são responsáveis por gerarem uma modificação que contribui para o desenvolvimento da personalidade. Por esse ângulo, “quando o psicoterapeuta é aquilo que é, quando as suas relações com o cliente são autênticas e sem máscara e sem fachada” (ROGERS, 1997, p.77), decorre desse ser de sentimentos e atitudes. Há uma transformação do cliente e reorganização da concepção que ele tem de si mesmo. É uma ação constante e pessoal compreendido como ser diferente e com potencial capaz de provar a si mesmo diante do outro, bem como a si mesmo (ROGERS, 1997).

Ainda que na psicoterapia, o cliente passe por um processo de construção, Almeida e Rebouças (2014), afirmam que o psicoterapeuta deve ter um olhar de compreensão do cliente como um ser único, que passa por um processo de construção do eu no mundo através desse olhar de realização e, por meio disso, busca-se junto ao cliente um compromisso facilitador dando sentido à vida.

Desta maneira utiliza-se de atitude facilitadora que possibilitam a abertura do cliente na presença do terapeuta, atitudes estas que podem ser denominada de tripé existencial, sendo integrado pela congruência autenticidade consideração positiva incondicional e a compreensão empática (ALMEIDA; REBOUÇAS, 2014, p.12).

No processo de ajuda com o outro, deve-se valorizar a pessoa e não o problema, numa orientação não diretiva. O que deve ser visto e valorizado, é a potencialidade de crescimento, desenvolvimento, maturidade e o potencial para encarar a vida de frente, nessa significação que o *self* ideal é uma variedade de características que o sujeito exige de si, como sendo o modelo ideal, algo que espera alcançar, não o que é. Esse modelo conceitual que gera a ciência de si é olhado como peça integrante da personalidade, por meio dos termos: organismo, avaliação organísmica, campo perceptual (campo experiencial), disposição atualizante, congruência e incongruência, envolvidas na reorganização dos conhecimentos que o cliente investe na construção da imagem de si (ROGERS, 1997).

Por isso, a psicoterapia centrada na pessoa foi criada com o objetivo de ampliar um conhecimento sensível, com autenticidade nas demandas desajustadas, no fator psíquico diante de situações ameaçadoras, que ativam a estrutura da pessoa, tornando capazes de evitar ou distorcer as simbolizações do conhecimento. O alvo da ACP é constituir uma conjunção de afinidades positivas no ser humano, de maneira que busca alterações da percepção, como uma invenção da maior congruência entre o conceito de si (ROGERS, 1997).

Sendo assim, a construção do *self* para a psicoterapia possibilita que a pessoa passe por várias fases de compreensão de si, com o meio e o modo como vivencia suas experiências, na possibilidade de reorganizar seus significados, tornando-se congruente ou o mais próximo do *self* ideal em comparação com o *self* real.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem centrada na pessoa de Carl Rogers, situa-se na área humanista da Psicologia e indica ser uma área que considera a pessoa com potencial natural para o desenvolvimento do seu eu a partir de suas experiências.

Com isso foi possível entender que, a formação do eu/*self* é de fato muito importante para a vida humana, já que essa construção começa no nascimento e vai acontecendo ao longo da sua vida, havendo necessidades dos cuidados atentos para com as crianças, pois sabemos que eles se espelham na pessoa-critério que são as pessoas que elas convivem e sentem afeto, e nessas experiências de vida elas vão se constituindo.

No entanto, percebe-se que durante a vida o indivíduo no processo de construção de si, é totalmente mutável, mesmo que o meio não seja favorável, o sujeito possui dentro de si potencialidades que diante de reflexão do seu eu e a tomada de consciência, possibilita transformá-las em pessoas autênticas e congruentes levando ao seu crescimento. Neste sentido,

podemos dizer que o estabelecimento de uma abertura real do cliente para com o terapeuta permite que o cliente venha ser verdadeiro e aberto às novas conquistas e experiências positivas alcançando os objetivos e autorrealização.

Essa mudança consciente acontece entre terapeuta e cliente e ambos andam juntos na mesma direção para um trabalho enriquecedor. Assim, o relacionamento do terapeuta com o cliente necessita ser um atendimento positivo incondicional, possibilitando que o cliente se sinta respeitado. O terapeuta deve se relacionar com o outro de pessoa para pessoa, de maneira agradável, de maneira afetuosa e com compromisso profissional. Essa postura coopera para que o cliente obtenha a congruência de si, ou seja a congruência se torna como interlocutor mais adequado para acessar sua consciência para uma nova experiência.

Esse modelo teórico nos possibilitou entender a importância que a constituição de uma relação empática entre o terapeuta e seu cliente, permite o desenvolvimento pessoal e instiga a uma vida mais congruente. Assim, este artigo se mostra relevante para promover o contexto da psicologia humanista, e ainda, coopera para o esclarecimento sobre essa visão de homem e de como o este constitui o seu eu diante de suas potencialidades para aprender, condição organísmica e a interação social em que está inserido.

Nessa interface, na construção do respectivo trabalho o desafio foi o de que ainda se tem poucos artigos publicados, requerendo a realização de pesquisas e publicações, gerando desta forma uma maior contribuição para a formação dos novos profissionais psicólogos que almejam atuar na área da Psicologia Humanista na Abordagem Centrada na Pessoa.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mychael Douglas Souza de; REBOUÇAS, Cleide Maria de Paula. Psicoterapia da Compreensão cons(//insistente): O olhar e a atitude além da interpretação. **Revista UFAC**, 2015. Disponível em: <<http://revistas.ufac.br/revista/index.php/psi/article/view/209>>. Acesso em: 17 set. 2018.

AMATUZZI, Mauro Martins *et al.* A atitude de boa vontade e a abordagem centrada na pessoa. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 5-16, Ago. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2002000200001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 out. 2018.

ARAÚJO, Iago Cavalcante; FREIRE, José Célio. Os valores e a sua importância para a teoria da clínica da abordagem centrada na pessoa. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v.20, n.1, p.86-93, jun. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180968672014000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 out. 2018.

BELÉM, Diana. Carl Rogers: do diagnóstico à abordagem centrada na pessoa. Recife: Bagaço, 2000.

BEZERRA, Márcia Elena Soares; BEZERRA, Edson do nascimento. Aspectos humanistas, existenciais e fenomenológicos presentes na abordagem centrada na pessoa. **Rev. NUFEN**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 21-36, dez. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912012000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 14 out. 2018.

ERTHAL, Tereza Cristina S. Os fundamentos da **terapia vivencial** na filosofia e na psicologia (pp.21-40). **Terapia vivencial: uma abordagem existencialista em psicoterapia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. Identidade do eu, consciência moral e estágios do desenvolvimento: perspectivas para a educação. **Psicol. educ.**, São Paulo, n.19, p. 73-89, dez. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752004000200005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt1>. Acesso em 14 out. 2018.

GUIMARÃES, Sandra Cecília de Sousa Rocha. Adolescente e a família: um par que dá certo. **APACP- Associação Paulista da ACP**, Canela, RS. 15 de outubro de 2005. Disponível em: <<https://pcp.org.br/diversos/artigos/o-adolescente-e-a-familia-um-par-que-da-certo/>>. Acesso em: 07 set. 2018.

GUIMARÃES, Suzana Ferreira. A modificação da Autoimagem: Da pessoa-critério a psicoterapia. **O Portal dos Psicólogos**, Brasília, DF. 16 de julho de 2010. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo_licenciatura.php?codigo=TL029>. Acesso em: 07 set. 2018.

HAAS, Janaína; ANGONESE, Amanda Saraiva; OLIVEIRA, Lisandra Antunes. A autoimagem de adolescentes do gênero masculino no tratamento da dependência química. **Unoesc & Ciência**, 2(2), 110-118, (2011). Disponível em: <https://editora.unoesc.edu.br/index.php/achs/article/download/559/pdf_213>. Acesso em: 17 set. 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7 a ed.-3. reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.

LACERDA, F. M.; MARTENS, C. D. P.; CHAVES, M. S. Gestão de Portfólio de Projetos: proposição de um modelo conceitual. **Revista Gestão & Tecnologia**, v. 16, n. 1, p. 140-160, 2016. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/ver/1640/como-construir-conhecimento-sobre-o-tema-de-pes--->>. Acesso em: 17 set. 2018.

MACEDO, Lúcia Suzana Rocha de; SILVEIRA, Amanda da Costa da. eu: um conceito em desenvolvimento. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 52, p. 281-290, agosto de 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103863X2012000200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 out. 2018.

MAIA, Camila Moreira; GERMANO, Idilva Maria Pires; MOURA JR, James Ferreira. Um diálogo sobre o conceito de self entre a abordagem centrada na pessoa e psicologia narrativa. **Rev. NUFEN**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 33-54, nov. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912009000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 out. 2018.

MELLO, Leonardo Cavalcante de Araújo; DUTRA, Elza. Abuso sexual contra crianças: em busca de uma compreensão centrada na pessoa. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 39-47, jun. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-686720080001>

MORENO, Monica Roncancio; BRANCO, Ângela Maria. DESENVOLVIMENTO DAS SIGNIFICAÇÕES DE SI EM CRIANÇAS NA PERSPECTIVA DIALÓGICO-CULTURAL. **Psicol estud.** Maringá, v. 19, n. 4, p. 599-610, dezembro de 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722014000400599&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 out. 2018.

PEREIRA, Luciano Gomes de Carvalho; Psicoterapia Centrada na Pessoa: Evidências empíricas do processo de reintegração da personalidade, observado em estudo de caso. **UniCeuB:** Brasília-DF, Jul.2009. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/3023/2/20311263.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2018.

ROGERS, Carl Ransom. **Terapia Centrada no Paciente**. São Paulo: Martins Fontes, 1975.

ROGERS, Carl Ransom. **De pessoa para pessoa:** o problema de ser humano, uma nova tendência da psicologia. São Paulo: Pioneira, 1977.

ROGERS, Carl Ransom. **Um jeito de ser**. Trad. Maria Cristina Machado Kupfer, Heloísa Lebrão, Yvone Souza Patto. Rev. Trad. Maria Helena Souza Patto. São Paulo: EPU, 1987.

ROGERS, Carl Ransom. **Tornar-se Pessoa**. 5 a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SANTOS, Macson Silva dos. Angústia, Adolescência e reestruturação de self na ótica Humanista-Existencial. **O Portal dos psicólogos**. 2015-2017. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1092.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2018.

WOOD, John. Keith. *et al.* (Orgs.). Abordagem centrada na pessoa. **Vitória: Editora Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1994.**